



PROGRESSO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO E DESAFIOS DAS DESIGUALDADES

Discurso do Dr. Paolo Balladelli

Coordenador Residente da ONU e Representante Residente
do PNUD em Angola

Luanda, 20 de Setembro de 2018

Permitam-me, em nome das Nações Unidas e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), iniciar esta mensagem com um agradecimento especial ao Senhor Ministro de Economia e Planeamento Dr Pedro Luis da Fonseca pela honrosa presença nesta actividade: é de verdade um orgulho para a ONU poder contar hoje com a sua presença e orientação neste seminário. Também permitam-me agradecer todos os funcionários do Estado Angolano nos seus distintos sectores e departamentos, cumprimentando Dr Camilo Ceita anfitrião e amigo de luta para conseguir dados e estatísticas de qualidade; os ilustres colegas do Corpo Diplomático de das Organizações internacionais acreditadas no País e em particular os representantes das agências da ONU e seus delegados; os amigos da Sociedade Civil, da Igreja, das Academia, do Sector Privado. Agradeço de coração a sua presença neste lançamento de dados de evidência que podem informar as opções políticas e técnicas para conseguir atingir os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável para África. Precisamos todos reflectir e trabalhar juntos e alinhados nas políticas do Estado Angolano para apoiar o povo angolano no seu caminho de desenvolvimento.

Estamos a viver num mundo complexo. Pessoas, nações e economias estão melhor conectadas hoje que nunca, assim como os fenómenos de desenvolvimento global que estamos a enfrentar.

Estes fenómenos não respeitam as fronteiras e são resultados da interacção entre a sociedade, economia e o ambiente. Sendo assim, as soluções que permitam avançar os 17 Objectivos de Desenvolvimento

Sustentável precisam de olhar para essa inter-conectividade e não só sector por sector se quisermos uma mudança efectiva e eficiente.

Tambem precisam de olhar ao mesmo tempo desde a perspectiva global e desde o contexto local.

Estamos no caminho certo de diminuir a pobreza quando sabemos que a população vive na pobreza, apesar ter a população do planeta aumentado nos últimos 30 anos de 5 a 7,5 bilhões de pessoas, o número de pessoas que ficaram no segmento de baixo desenvolvimento caiu desde 3 bilhões a menos de 1 bilhão – 926 milhões, e desde 60% da população global situando-se em 12%.

Contudo, apesar do progresso global, ainda existem evidências de pobreza e de exclusão. A relação entre as desigualdades e os conflitos armados é bem estudada na literatura e estes têm a tendência a aumentar no mundo assim, assim como as mudanças climáticas estão a limitar o desenvolvimento e ameaçar a sustentabilidade dos progressos realizados.

Para submeter a esta discussão no caso global, continental e nacional, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento em Angola (PNUD), tem a honra de apresentar hoje **duas próprias publicações**: 1) O estudo sobre as tendências da desigualdade de rendimentos na Africa Subsariana; e 2) A actualização estatística, de 2018, dos Indicadores e Índices do Desenvolvimento Humano (IDH).

Não temos dúvidas que existe uma alta correlação entre as duas áreas. De facto, as amplas desigualdades ameaçam agora o bem-estar das pessoas e o progresso global no desenvolvimento humano. Em verdade, considero as desigualdades como o principal factor que pode ameaçar o futuro das gerações porque estão interligadas com incerteza e vulnerabilidade.

Como mostra a actualização estatística do PNUD, o nível médio do **IDH tem aumentado** significativamente desde 1990 – 22% globalmente e 51% nos Países Menos Avançados (PMA) – reflectindo o facto de que, em média, as pessoas estão vivendo mais tempo, com melhor educação e maior rendimento. Contudo, ainda existem grandes **diferenças** pelo mundo: Noruega, Suíça, Austrália, Irlanda e Alemanha lideram a lista dos 189 países e territórios considerados no IDH, enquanto Níger, República Centro-Africana, Sudão do Sul, Chade e Burundi ocupam as últimas posições.

De acordo com as estatísticas, o IDH da **África Subsariana** aumentou 35% desde 1990. Doze países da região, entre os quais **Angola**, encontram-se agora no grupo de países de desenvolvimento humano **médio** e quatro países—Botsuana, Gabão, Maurícias e Seicheles—estão agora no grupo de países de alto desenvolvimento humano.

As nossas saudações são merecidamente endereçadas à esta grande nação Angola, que **tem melhorado** progressivamente a sua posição, passando da categoria de baixo, para **médio** desenvolvimento humano. Com um valor do IDH de 0,387 em 2000, Angola chegou a alcançar um valor de 0,581 em 2017, ocupando actualmente a posição 147. Assim sendo, Angola subiu três posições respeito à anterior estatística, que indicava um valor do IDH de 0,572 para o ano 2015.

A actualização estatística apresentada hoje revela que, a nível mundial, o valor médio do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) cairia de 0,728 para 0,582, perdendo o 20%, quando é ajustado pela desigualdade. A África Subsariana é a região que ficaria mais prejudicada pelo ajuste pela desigualdade: - 30.8% do valor médio do IDH. No caso de **Angola, o IDH ajustado pela desigualdade cairia para 0,393**, uma perda de 32,4%.

Cabe também ressaltar que, além da desigualdade de rendimentos, ainda existem amplas **disparidades de género**. Em todo o mundo a média do IDH para as mulheres é 6% menor que para os homens.

Neste sentido, o **estudo do PNUD** “Tendências da Desigualdade de Rendimentos na África Subsariana” permitiu determinar três vetores estruturais da **desigualdade**:

1. Uma estrutura económica altamente dualista, com baixa diversificação económica e emprego limitado na administração pública e no sector extractivo.
2. Alta concentração de capital físico, capital humano e terras em poucas mãos.
3. Uma capacidade distributiva limitada do Estado, com assimetrias nos investimentos entre urbano e rural, e desigualdades étnicas e de género.

O estudo do PNUD ressalta também quatro factores principais para **reduzir** as desigualdades:

1. Uma melhor distribuição do capital humano, particularmente no ensino secundário.
2. Uma maior tributação direta e uma administração tributária mais eficiente, bem como maiores despesas sociais bem orientadas.
3. Uma maior produtividade no sector agrícola, que é um fator importante para a redistribuição da mão-de-obra, a partir desde este sector, para os outros sectores da economia.
4. Um processo de transformação estrutural gradual para a diversificação económica.

Neste sentido, o Sistema da ONU, em geral, e o PNUD, em particular, reiteram o compromisso em continuar a apoiar o Governo na sua visão de considerar como imprescindível o alinhamento com a Agenda 2030, dos instrumentos de planificação contidos no **Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-**

2022 (PDN), na estratégia de desenvolvimento de longo prazo “Visão Angola 2050”, bem como o processo de Graduação de Angola da categoria de País Menos Avançado (PMA).

Uma menção especial precisa fazer a ONU sobre a necessidade que governo, sociedade civil e parceiros do desenvolvimento prestem uma atenção urgente as camadas juvenis. O relatório dos indicadores de base dos ODS, do INE, estima que em Angola, em 2018, o 46,6% da população teria menos de 14 anos de idade. Isso implica que o País tem um enorme potencial para o aproveitamento do **Dividendo Demográfico**, através dos **investimentos na juventude**. Faço um apelo para focar as políticas e estratégias de governo, sociedade civil e parceiros internacionais nos jovens nas áreas de profissionalização, ocupação, participação democrática, acesso aos serviços sociais: saúde, educação, vivenda, espaços seguros. Reconhecemos que os jovens angolanos podem ser o motor para reduzir as desigualdades e acelerar os progressos no desenvolvimento humano do País, a través da realização do seu potencial, o aumento de suas possibilidades e a liberdade de viver a vida que desejam.

Gostaria de concluir esta intervenção realçando que o País está a avançar no desenvolvimento humano e desejo que possa continuar a progredir nesta senda positiva.

Muito obrigado!